

Da cidade ao bairro: percursos e diálogos possíveis com a historiografia na perspectiva de pensar a *Urbe* como objeto da pesquisa histórica

From the city to the neighborhood: historiographical routes and dialogues as ways of thinking about the city as an object of historical research

Ismael Sousa de Jesus

Mestrando em História do Brasil pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí – PPGHB- UFPI. Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Professor da Rede Estadual de Educação do Estado Piauí.

Resumo: O artigo analisa a historiografia das cidades, e seus percursos conduzidos pelas nuances do tempo e imersos nas (res) significações que a mesma sofrera diante de suas abordagens históricas e, conseqüentemente, da sua escrita histórica. A *Urbe* deixou de ser somente o “palco da história” e passou a ser a sua problemática, e, sob este viés, aparecerem estudos profícuos como de Bresciani (1992) (2000), Rezende (1997) Matos (2002), Pesavento (1994) (1996), Chalhoub (1996), Rolnik (1995), Certeau (2008) (2011), Mayol (1996) (2013), Velho (2002), Sevchenko (1992) (1995). Enquanto na produção historiográfica piauiense, destacamos os trabalhos de Nascimento (2015), a qual tem sido referência no estudo das cidades no Piauí, Fontineles (2015), Queiroz (2015), com destaque para os trabalhos so

Abstract: The article analyzes the historiography of cities, and their paths taken by the nuances of time and immersed in the meanings and resignifications about them, suffered in the face of historical approaches and, consequently, of their historical writing. The city stopped being just the “stage of history” and became its problematic, and, under this bias, appeared in professional studies such as Bresciani (1992) (2000), Rezende (1997) Matos (2002), Pesavento (1994) (1996), Chalhoub (1996), Rolnik (1995), Certeau (2008) (2011), Mayol (1996) (2013), Velho (2002), Sevchenko (1992) (1995). While in Piauí’s historiographical production, we highlight the works of Nascimento (2015), a case study of cities in Piauí, Fontineles (2015), Queiroz (2015), with emphasis on works on the “history of

bre a “história dos bairros” de Fontineles e Sousa Neto (2017), além de dissertações de mestrado do programa de pós-graduação da UFPI que teve como objeto os bairros de Teresina, como Lima (2006), Araújo (2009). Nessa perspectiva é plausível ressaltar que os percursos historiográficos trilhados, da cidade ao bairro, aglutinam as possibilidades que a pesquisa histórica preconiza.

Palavras-chave: Cidades. Historiografia. Cotidiano. Bairros. Historiografia piauiense.

the neighborhoods” by Fontineles and Sousa Neto (2017), in addition to master’s dissertations in a post-graduate program at UFPI that had as their object the neighborhoods of Teresina, such as Lima (2006), Araújo (2009). city to the neighborhood, aggregate as possibilities that historical research advocates.

Keywords: Cities. Historiography. Daily. Neighborhoods. Piauiense historiography.

Introdução

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.

(Sandra Jatahy Pesavento)

O artigo discute os percursos e diálogos com a historiografia das cidades. E tem por objetivo discutir alguns aspectos e perspectivas em que a cidade foi estudada, considerando o tempo e espaço, assim como o “lugar social” ocupado pelo autor da escrita. Nesse sentido, como reflete a epígrafe, as *urbes* tornaram-se polissêmicas, passando a serem entendidas como múltiplas consumidas no dia-a-dia pela ação dos seus cidadãos. Dessa maneira, há bastante tempo, o estudo sobre as *urbes* tem despertado o interesse dos historiadores por ser um objeto de pesquisa que sempre exerceu um fascínio magnífico desde o seu aparecimento. Utiliza-se no decorrer do texto fontes exclusivamente bibliográficas que permitem articular um diálogo e reflexões teóricas sobre a historiografia das cidades a partir de algumas obras clássicas que se tornaram uma referência nessa temática. Visto que, não se pode deixar de observar seus percursos movidos pelas nuances do tempo, e imersos nas (res) significações que sofrera, destacando as suas abordagens históricas e conseqüentemente sua escrita histórica.

O artigo organiza-se em seções. A primeira seção, *A cidade Antiga de Fustel*, apresenta algumas conjecturas sobre a obra e a sua relação no modo de pensar na cidade no século XIX. Na segunda seção; “As cidades nos liames dos discursos médico-sanitaristas”, reverbera a problemática preponderante nos finais do século XIX

e início do século XX na difusão dos discursos “médico-higienista” e nas propostas de “higienização” das cidades. Na terceira seção, “A modernização e ‘higienização’ dos espaços urbanos como arquétipo do bem-estar Social”, apresenta os estudos historiográficos sobre as ideias de “modernização” das cidades e as consequentes remodelações. A quarta seção, “As *Urbes* como ambiente de tensões sociais”, refere-se aos trabalhos sobre a cidade de São Paulo dos anos 1920 no contexto da “Grande guerra” e as tensões sociais vivenciadas no Rio de Janeiro a partir de leituras de dois intelectuais literários, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Na quinta seção, “Cidade e Cotidiano” é sugerido adentrar de “porta à dentro” nos espaços privados da cidade, percebendo o cotidiano como um objeto “problematizante” do estudo historiográfico das cidades. Na sexta seção, “O bairro como objeto de estudo na pesquisa histórica”, procura discutir uma maneira de “pensar” sobre um espaço particularizado da cidade – o bairro, na perspectiva histórica e antropológica. Na sétima seção, “A Cidade sob os ‘olhares’ da historiografia piauiense” discorre sobre trabalhos de pesquisa no campo da História que tiveram como objeto de estudo a cidade de Teresina. Na oitava seção, Produções historiográficas piauienses sobre a temática “História dos bairros”, reverberam trabalhos acadêmicos (teses ou dissertações) que tiveram como objeto de estudo a “história dos bairros”.

No decorrer do percurso perceberemos como as vicissitudes da historiografia a tornaram cada vez mais perspicaz no alcance de seus objetivos. Dessa forma, esses embates teóricos refletem o modo como estão sendo lapidados e aperfeiçoados as abordagens e os métodos na pesquisa sobre as *Urbes*.

A Cidade Antiga de Fustel

A obra de Fustel de Coulanges¹ (1830-1889), a *Cidade antiga*, publicado em 1864, promove uma verdadeira ebulição nos meios acadêmicos, pelo fato do historiador procurar produzir uma pesquisa minuciosa sobre a religião e a política, bem como a relação entre estas no Estado Greco-romano. Segundo Raminelli (2011) ao “eleger como tema a origem da propriedade privada, o surgimento do Estado e as ‘revoluções’ capazes de explicar os ordenamentos políticos destas sociedades” (RAMINELLI, 2011, p 176). Nesse sentido, Coulanges compreende a cidade a partir de uma evolução do ordenamento social desde a família até a comunidade ideal, que para ele seria a *Polis*. Nesse caso, a família era fundamental (para alcançar esse estágio evolutivo), o que tornava a obra naquela época um método único e uma abor-

¹ Historiador francês Fustel de Coulanges (1830-1889). Em 1864, enquanto professor de História em Estrasburgo, Fustel publica a obra *La Cité Antique*, (*A Cidade Antiga*), um estudo sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma.

dagem inovadora, marcado pela ausência dos marcos cronológicos, mas buscando uma abordagem com base na lógica cultural. Segundo Hartog (2003),

Fustel inclui no programa ‘a família e o Estado entre os antigos’ o curso, que se tornou um livro, aparece no outono de 1864: A cidade antiga está lançada. Se subsiste a indagação sobre as formas iniciais da sociabilidade, o estudo concentra-se na etapa seguinte: da família ao Estado, sua formação e suas transformações. O que implica, para considerar a verdadeira essência da cidade, libertar-se primeiro de uma ficção (a teoria rousseuista do contrato) e de uma ilusão (a falsa familiaridade com o mundo antigo) enquanto entre eles e nós a distância é insuperável. (HARTOG, 2003, p.44).

O francês Coulanges contribui magistralmente para o entendimento das cidades modernas, servindo de suporte teórico para os historiadores posteriores que se debruçaram sob o espaço urbano e até mesmo podemos relacionar às influências das reformas urbanas na França, promovida por Haussmann (1809 - 1891).

Bresciani (2000) ao discutir as intervenções urbanas, recorre as reformas promovidas em Paris por Haussmann², que segundo ela:

Haussmann exigiu dos proprietários de imóveis implantados ou projetados para serem construídos nas laterais dos grandes bulevares e avenidas da capital francesa a padronização das fachadas neoclássicas ou ecléticas, coadunando em sua concepção de modernidade a funcionalidade das vias de circulação desafogadas, o grande cruzamento central atravessando de norte a sul e de leste a oeste a cidade, as rotatórias em “estrela” a monumentalidade das perspectivas e das praças projetadas mais para serem vistas, seus monumentos centrais pelos ad transeuntes, do que servirem como local de encontro para população. (BRESCIANI, 2000, p. 225).

A partir do crescimento das abordagens historiográficas sobre as cidades, as novas perspectivas se multiplicaram, consequência do aumento considerável no acesso a dados, registros fiscais, livros, censos, mapas urbanos, e listas de telefone. No entanto, os historiadores ainda produziram até meados século do XIX, diversas obras os quais motivaram e permitiram a sustentabilidade das discussões sobre os métodos aplicados às novas abordagens, emergindo uma “nova história urbana”; a discussão, dessa forma, superava a perspectiva que Weber e Pirenne levantaram em suas teses, que o “desenvolvimento econômico era responsável pela vitalidade e expansão das áreas urbanas.” (RAMINELLI, 2011, p. 179). As cidades permaneciam atreladas às condições econômicas, como atividades propulsoras desses espaços, por

2 Haussmann foi um advogado, funcionário público, político e administrador francês. Nomeado prefeito de Paris por Napoleão III, e foi o grande remodelador de Paris, cuidando do planejamento da cidade. Passando a ser referência para diversas cidades do mundo.

isso preocupou-se, durante algum tempo, com as “fachadas e a estrutura urbana”, a cidade tradicional cresceu em torno de um palácio, no interior de uma muralha ou a partir de um mercado, sendo circunscrita a um espaço fechado e de pequenas proporções (RAMINELLI, 2011, p. 180). A historiografia sobre cidade não se refutou ao seu tempo, nem ao tempo de Fustel ou de outros historiadores, mas lhe deve gratulações pelos esforços de pensar a cidade à frente de seu tempo, portanto, na “história dificilmente uma obra histórica é totalmente ‘superada’, até porque ela se torna documento de uma época: há sempre algumas páginas que resistem à crítica mais inclemente” (MALERBA, 2008, p. 21). Sob essa perspectiva que veremos como os historiadores observaram as *Urbes* a partir dos discursos eugenistas.

As cidades nos liames dos discursos médico-sanitaristas

O livro *Londres e Paris no século XIX* da historiadora Maria Stella Martins Bresciani, publicado em 1986, desenvolve uma análise fulcral das cidades de Londres e de Paris do século XIX visando compreender estas cidades através dos literatos do século XIX que externalizaram, em suas obras, críticas sistemáticas do crescimento populacional e a presença da multidão nestas no século XIX, que assustavam os críticos por suas impressões caóticas que se configuravam e pela efemeridade fervilhante dos indivíduos como transeuntes em uma paisagem urbana desoladora. Bresciani (1996) expressa que a “multidão” era um “acontecimento inquietante” e que o “acaso” era quase um elemento determinante nos encontros pela cidade. No entanto,

A incerteza quanto ao que se vai encontrar é compensada pelo encontro certo, cotidianamente confirmado, com o fluxo formigante, caótico, da multidão. Nela, Baudelaire cultiva sua solidão, a condição de ‘flâneur’. Dela, Baudelaire faz inspiração necessária. Não pretende decifra-la em seus ministérios e seus perigos, aceita-a como caos. Sua renúncia não o impede, contudo de assinalar os aspectos alarmantes e ameaçadores da vida urbana. (BRESCIANI, 1996, p. 12).

O olhar frenético sobre as multidões nas ruas reproduz a atmosfera do medo, da tensão do devaneio e da sensação conflitante e perturbadora dos indivíduos provocados pelo fluxo neurótico do dinamismo social da cidade. Neste caso, as ruas denotam as veias articuladas de modo a transportar o sangue (pessoas) a este latejante coração (cidade) que retorna com fluidez e ebulição às suas frenéticas sensibilidades nervosas ao tecido social.

É nessa concepção que Sandra Jathay Pesavento, em obra intitulada *Os pobres da cidade*, afirma que “na rua o espaço se revelava “democrático”, uma vez que opor-

tunizava a todos a circulação e o acesso aos logradouros públicos. Na rua se expressava a irreverência de atitudes e sociabilidades que eram estranhas e condenadas pela família burguesa. Ou seja, a rua se revelava como um espaço de ameaças, as quais era preciso controlar”. (PESAVENTO 1994, p. 114). É nessa concepção que os estudos sobre cidades ganharão uma maior tessitura historiográfica ao contemplar a cidade não somente como “palco” da história, mas como o próprio objeto da história, problematizando os aspectos múltiplos que as *urbes* externalizam, surgindo desse modo, uma abordagem da cidade como “cidade-questão”. Segundo Matos (2002);

Desde final do século XIX e início do XX, uma das primeiras vias a delinear a cidade enquanto questão foi a higiênico-sanitarista. O olhar médico conjugado à ação/observação/transformação do engenheiro e à política de intervenção de um Estado planejador/reformador, pretendia de todas as formas neutralizar o espaço. Procurava-se, assim dar ao espaço uma qualidade universal e manipulável, através da ‘racionalidade e objetividade’ da ciência que passou a ter função-chave na sua luta contra o arcaico pela “ordem e progresso” caminhava-se conjuntamente ao desejo latente generalizado de “ser moderno” em que a cidade aparecia como sinônimo de progresso em oposição ao campo” (MATOS, 2002, p. 34)

As cidades se tornaram preocupações dos “higienistas” a partir do momento em que os pobres e excluídos da sociedade, como vagabundos, prostitutas, imigrantes, negros, mulheres e desocupados, passavam a ocupar uma parcela considerável da cidade, assustando e incomodando de forma perturbadora não só as camadas abastadas e privilegiadas mas também os seus representantes, as instituições ligadas às camadas mais conservadoras, os profissionais da saúde (médico-sanitarista), prefeitos, urbanistas e intelectuais. As classes sociais pobres e os excluídos representavam um perigo eminente da sociedade da época no discurso médico devido às proliferações de epidemias de doenças nos espaços urbanos ocupados pelos pobres.

O historiador Sidney Chalhoub publica, em 1996, a obra *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, no qual realiza um trabalho de pesquisa sobre os cortiços do Rio de Janeiro no século XIX tomando por base os discursos dos médicos higienistas em relação a saúde pública e suas consequentes preocupações com os espaços ocupados pelos mais pobres e excluídos que, no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX seriam os cortiços. Segundo Chalhoub (1996);

Os cortiços supostamente geravam e nutriam ‘o veneno’ causador do vômito preto. Era preciso, dizia-se, intervir radicalmente na cidade para eliminar tais habitações coletivas e afastar do centro da capital as ‘classes perigosas’ que neles residiam. Classes duplamente perigosas, porque propagavam a doença e desafiavam as políticas de controle social no meio urbano. (CHALHOUB, 1996, p. 8)

As intervenções realizadas pelos poderes públicos constituídos e a eminente preocupação da higienização das cidades reverberavam com novos desafios propostos diante da ideia de modernização dos espaços urbanos. De um lado, procuravam justificar os discursos médico-sanitaristas como mecanismos de enfrentamento do problema da insalubridade e restauração da saúde pública, por outro lado, eram atraídos pela frenética tendência aos ditames da modernização das cidades que passava pela mentalidade da época como um vento impetuoso, que criou um clima de preocupação nos médicos, engenheiros sanitários, políticos e autoridades governamentais em torno do debate instigante sobre as soluções de higienização dos espaços urbanos, mas também sobre sua reorganização planejada. Desse modo, podemos observar que, entre o final do século XIX e início do século XX, as ideias de modernização das cidades ganhavam tenacidade e notoriedade, ressoando nas cidades brasileiras como uma questão de bem-estar social.

A modernização e “higienização” dos espaços urbanos como arquétipo do bem-estar social

O historiador Antônio Paulo Resende, no livro intitulado *Desencantos Modernos: História da Cidade do Recife na década de vinte*³ evidencia o processo de modernização ocorrido na cidade de Recife nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, é interessante frisar que os discursos higiênicos eram presentes também na cidade do Recife dos anos de 1920, como reitera Rezende (1997),

As condições modernas atingem, negativamente, o bem-estar da maior parte da população, sobretudo os pobres, não era apenas Recife que fora invadida por epidemias e índices de mortalidade alarmantes. [...] Os dados números mostravam que doenças como Varíola, Febre Amarela, Tuberculose causavam mais vítimas e a tendência de adensamento populacional tornaria mais ainda a questão da saúde pública de fundamental importância para a cidade moderna. (REZENDE, 1997, p. 44).

Nessa concepção, as ações de intervenções urbanas estavam conectadas com a política higienista de “limpeza” dos espaços urbanos e, por consequência, estes ditos espaços eram, na sua grande maioria, ocupados por pobres, negros, prostitutas, transeuntes, desempregados, em geral, a camada mais pobre da sociedade como também a parte excludente dela. Para Rezende (1997), Recife também será inserida nesse processo de “modernização” bastante recorrente nas cidades brasileiras

³ Trabalho foi resultado da tese de Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo-USP (1992).

do final do século XIX e início do XX. A cidade do Recife, na administração de Francisco do Rêgo Barros (1835-1842), experimentara as emblemáticas transformações advindas da intensa idealização do “progresso e da modernização”. Dessa maneira Rezende (1997) reitera que “não se pode negar que os tempos do Rêgo Barros ‘trouxeram de fato para Recife uma mudança quase que total na fisionomia, além de calçamento, lampiões, calçadas, gabaritação de prédios, as casas sendo numeradas pela metragem de ruas, pela esquerda e pela direita, uma inovação ainda hoje adotada.” (REZENDE, 1997, p. 30). Através de uma narrativa poética, sutil, agradável, sedutora e de uma escrita fluida, Rezende (1997) nos convida a perceber o desdobramento que a modernidade causava nos moradores da cidade do Recife, embebida pelos ditames da cidade moderna e como os cidadãos assistiram, perplexos, a velocidade da modernidade, e como ela se tornaria objeto de sedução não só dos moradores da cidade, mas à todos que se interessassem pelos seus “encantos”. “Os homens revisitaram suas fantasias e aspirações, a cidade torna-se o cenário de encenações inesperadas e surpreendentes. Novos sonhos se produziram, a cidade na sua agitação moderna parecia abrir suas portas para o infinito” (REZENDE, 1997, p.57). É nesse “império das seduções” que a modernização atravessa o imaginário urbano das cidades brasileiras e nas “armadilhas do desejo” que procuram suplantam as velhas obsoletas cidades de outrora na perspectiva de destravar o “motor” do “progresso” e promover suas consequentes modernizações.

A modernização das cidades pretendia reorganizar os espaços urbanos, a fim de agregar a racionalidade do capitalismo cada vez mais irredutível e obstinado à concepção de bem estar social, promovido pelos diversos discursos de clamores às novas ideias de cidade moderna. Dessa forma, a abordagem sobre a modernização das cidades e suas reorganizações com as intervenções dos poderes públicos constituídos nem sempre ocorrera de forma pacífica com seus moradores. Desse modo, podemos compreender que a grande maioria destas intervenções urbanas afetaram de alguma forma ou totalmente as pessoas mais pobres e excluídas da sociedade por meio de, por exemplo, demolições de casas, moradias velhas, retiradas de pobres, expulsão de grupos de indolentes, mendigos, pobres e desocupados de uma área central ou supervalorizada da cidade. Evidentemente sempre existiram as resistências sociais marcantes nestes espaços, mesmo que camuflados por alguns, as resistências se manifestavam de maneiras diferentes na sociedade, contribuindo para tensões sociais, convulsões urbanas e movimentos políticos de luta dos grupos sociais.

As *Urbes* como ambiente de tensões sociais

O livro de Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20*, publicado em 1992, apresenta ao leitor um texto arrebatador conduzido por uma escrita magistral e glamorosa sobre a cidade de São Paulo dos anos de 1920. Sevcenko (1992), através de seu texto, procura, de maneira fulcral, realizar uma hermenêutica profunda e sutil a partir de uma abordagem contingencial, deixando um pouco de lado essa perspectiva “linear” dos eventos históricos, os quais eram sistematicamente organizados e ordenados. Dias (1992), no prefácio do seu livro, considera o historiador “dos limiares do mundo moderno” que o seu livro provoca uma sedução e instiga o leitor capaz de sobreviver à ansiedade cartesiana, pois procede a um exercício de árdua interpretação, evitando conceitualismos categóricos e abrindo trilhas renovadoras, desimpedidas de cadeias sistêmicas e de explicações “causais” (Dias, 1992). A obra *Orfeu extático na metrópole* compreende uma grande obra não só para o campo da história, mas também como um mote exponencial para se pensar diversos temas e estudos de artes, literatura e estudo da sociedade a partir dos estudos artes da cidade de São Paulo dos anos 20.

Na intenção de expor as contradições e as mudanças que a cidade de São Paulo vinha sofrendo, Sevcenko (1992) produz um estudo das “coletividades” e das avassaladoras mudanças na urbanização de São Paulo, contextualizando essas transformações em meio à especulação cafeeira entre os anos de 1890 e 1930, assim como resíduos dicotômicos provocados pela frenética e expectável perspectiva de sobrevivência dos imigrantes e dos ex-escravos mal assimilados pela urbanização de São Paulo. Na perspectiva de Sevcenko (1992):

São Paulo não era uma cidade nem de negro, nem de brancos, e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado. Essa cidade brotou súbita inexplicavelmente, como colossal cogumelo depois da chuva, era enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para serem devorados. (SECVENKO, 1992, p. 31)

A *Urbe* descrita e problematizada por Sevcenko (1992) é um lugar onde a instabilidade social, emergida das agitações e ebulições urbanas e aviltantes, provocava sensações frenéticas na vida cosmopolita de São Paulo, onde os indivíduos, dessa época, que são considerados partícipes da contemporaneidade, buscavam cada vez mais compartilhar a fluidez das experiências da vida urbana. Sevcenko (1992) ao

relacionar “os ventos quentes” das trincheiras (influências da Grande Guerra) às tensões a às transformações os quais São Pedro vinha experimentando afirma que:

O problema geral das imaginações era menos o de conceber o novo mundo do que livrar-se do Antigo. A Guerra se encarregaria disso em grande parte. Seu rescaldo, porém, seria o culto da ação coletiva e da violência que ela decantara em estado puro em suas várias manifestações. As modernas formas de comunicação de massas, a fotografia, o cinema e os cartazes reiteravam essa ênfase tecnológica sobre a ação e a velocidade, ressaltando aos demais o papel privilegiado concedido nessa nova ordem cultural à imagem, à luz e a visualidade. (SEVCENKO, 1992, p. 163)

Os “ventos quentes” das trincheiras que sopravam em direção à cidade de São Paulo, corroborando para aflorar as múltiplas formas de comunicação e reacendendo não só a perspectiva do “novo” das quais estavam envolvidos, mas no descortinado nas nuances da cidade moderna.

Na obra *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na I República*,⁴ Nicolau Sevcenko articula com maestria a literatura à sua abordagem sobre a cidade do Rio de Janeiro e suas tensões sociais durante a passagem do Império para República, tomando como mote de suas análises dois intelectuais, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Mesmo não fazendo parte dos mesmos círculos da intelectualidade da época, suas produções procuravam direcionar as críticas a transição do sistema Imperial para o Republicano. A cidade do Rio de Janeiro é o lugar crível das tensões sociais reverberadas pelo autor, que expressa de forma enfática, o papel da literatura e do jornalismo carioca como principais instrumentos difusores dessas novas maneiras de se comportar na sociedade, advindas das influências da *Belle Époque* no Brasil e em especial na cidade do Rio de Janeiro. Conforme descreve Sevcenko (1995):

A expressão ‘regeneração’ era por si só esclarecedora do espírito que presidiu esse movimento de destruição da velha cidade, para complementar a dissolução da velha sociedade imperial e de montagem da nova estrutura urbana. O mármore dos novos palacetes representava simultaneamente uma lápide dos velhos tempos e uma placa votiva ao futuro da nova civilização (SEVCENKO, 1995, p. 31).

As transformações sofridas pela cidade do Rio de Janeiro foram aprofundadas em anos posteriores, em especial, no início do século XX, na administração do engenheiro prefeito Pereira Passos, que teria sido influenciado fortemente pelas “reformas promovidas por Haussmann em Paris”. Nesse sentido, Carvalho (1998) reitera que:

4 Trabalho foi resultado da tese de Doutorado m História Social pela Universidade de São Paulo (1976 – 1981) era Orientado por Maria Odila Leite da Silva Dias.

A mais espetacular missão urbana foi a reforma da cidade do Rio de Janeiro empreendidas pelo engenheiro Pereira Passos e pelo médico Oswaldo Cruz a partir de 1903 (...) uma avenida rasgou o ventre da velha cidade colonial expulsando gente, alterando o transporte, mudando a cara da cidade. O prefeito Passos quis ainda mudar os hábitos da população para que a cidade também nisto se parecesse com o modelo parisiense. (...) Recolheu mendigos mandou tirar vacas e cães das ruas, proibiu cuspir nas ruas e dentro dos veículos. (CARVALHO, 1998, p. 111).

As reformas urbanas implantadas na cidade do Rio de Janeiro objetivavam “conferir um aspecto moderno, regular o presente e prever as demandas futuras”. (BRESCIANI, 2000, p. 255). As remodelações dos espaços urbanos alteravam não somente os hábitos, mas costumes, maneiras dos pobres de sobreviver e ‘consumir’ os espaços urbanos, como também deslocavam esses (pobres, mendigos e outros) das áreas consideradas “modernas” e transferiam para lugares afastados da área urbanizada, provocando insatisfações e tensões sociais.

A historiografia do século XX daria um significativo passo no aprofundamento dos estudos das *Urbes* em grande parte movidas pelas correntes historiográficas que envolviam os historiadores. Na próxima secção veremos que dentro da cidade surge um objeto de estudo da “Nova História Cultural”⁵: o cotidiano.

Cidade e o Cotidiano

Em fevereiro de 1980, é publicada a primeira edição francesa de *A Invenção do cotidiano*, considerada uma obra inédita, que apresentava resultados de uma longa pesquisa sobre a cultura e sociedade francesa (do final de 1974 a 1978) por Michael de Certeau, historiador, teólogo, e padre jesuíta conhecido e respeitado por sua produção densa e diversificada, que aglutinava desde a mística à correntes religiosa dos séculos XVI e XVII. Para Giard (2008), “maio de 1968 deixa Michael de Certeau intrigado, “tocado”, “alterado”, segundo seus próprios termos, recebera uma marca definitiva” (GIARD, 2008, p.12). A obra *Cultura no plural* de Michael de Certeau reverbera a cristalização das propostas de estudos sobre a cultura francesa que estavam sendo produzidos com base em acordo do governo francês com o historiador Michael de Certeau, realizava um estudo sobre a sociedade e a cultura francesa. Na obra *Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*, Certeau (2008) procura esboçar uma “empreitada teórica”, permeada de operacionalizações, mecanismos e dispositivos

5 Uma corrente historiográfica que ganhou força na década de 1970, influenciando os historiadores a pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

que desdobram as práticas culturais. É nessa perspectiva que relativiza a “cultura erudita” *versus* “cultura popular”, destacando ausência de fronteiras rígidas entre elas, desnaturalizando a concepção que celebrava a “beleza do morto”.

Nesse aspecto era “necessário voltar-se para a proliferação disseminada” de “criações anônimas e ‘perceíveis’ que irrompem com a vivacidade e não cristalizam” (GIARD, 2008, p.13). A partir de conceitos propostos por Certeau (2008) “como mecanismos ou astúcias operacionalizadas pelo ‘homem ordinário’” nas muitas práticas cotidianas conduzidas por “maneiras de fazer” e vitórias do “fraco” sobre o “forte”, ou seja, seriam as “táticas” diante das “estratégias” de forças reguladoras da vida social. “Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissolúvel dos combates e dos prazeres cotidianos que articulam, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que o sustenta guardado pelo lugar próprio ou pela instituição” (CERTEAU, 2008, p. 47). A complexidade e a multiplicidade de mecanismos de “inventar” o cotidiano diante das rígidas forças que simulam uma ordenação das relações sociais, como se os sujeitos fossem ditados mais de objetividades do que de singularidades. É nas “práticas cotidianas como falar, base circular, fazer, comprar ou preparar as refeições” onde se operacionalizam as “táticas” provocando desvios das “trilhas” impostas como modelos ou arquétipos de uma força disciplinar.

Maria Izilda Santos de Matos é uma historiadora com uma vasta produção historiográfica e professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisadora nos temas história, música, gênero, história das mulheres e cidade. Ao recorrermos ao seu livro intitulado *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho* encontraremos um debate temático do cotidiano das cidades de São Paulo e Santos nos finais do século XIX e começo do século XX em uma perspectiva de historiadora de gênero entrecruzado por uma narrativa leve e sutil sobre as funções femininas e o papel dos imigrantes nas cidades, contextualizado em uma época de grande produção e exportação do café em São Paulo. Mesmo sem se resguardar do “olhar feminino” percebido nas entrelinhas de seu texto, a historiadora não deixa de evidenciar as condições femininas e suas experiências dicotômicas nos espaços urbanos.

Reiterando a perspectiva de estudo do “cotidiano”, abria-se o campo de possibilidades dentro da nova história cultural o que contribuía para a destruição do “centro” e do “periférico” na história, desmitificando a ideia substancial do acontecimento histórico – do fato – “como foco central de análise” (MATOS, 2002, p. 23). Ao perscrutar na análise problemática do cotidiano, Matos (2002) expõe uma narrativa a partir das tensões sociais, das rivalidades e dos conflitos cotidianos sempre tomando os espaços privados *versus* públicos como ponto e contraponto do olhar e

conduzindo, em um fio condutor, que seriam as “resistências” do gênero feminino diante das adversidades do cotidiano da cidade.

Para Matos (2002), o cotidiano não deve ser encarado de forma equivocada ao pensar uma análise baseada no trivial ou “relegado apenas hábitos e rotinas obscuras”. Sob esse viés:

As abordagens que incorporam a análise do cotidiano têm revelado todo um universo de tensões e movimentos com uma potencialidade de confrontos, deixando entrever um mundo onde se multiplicam formas peculiares de resistência (luta, interação, diferenciação, permanência, transformação) onde a mudança não está excluída, mas sim vivenciada de diferentes formas. Assim não se pode dizer que a história do cotidiano privilegie o estático, já que tem mostrado toda a potencialidade do cotidiano como espaço de resistência ao processo de dominação. (Matos, 2002, p. 26).

A abordagem de Matos (2002) sugere uma reflexão a partir dos espaços que tradicionalmente foram consideradas como lugares onde os grandes eventos históricos se cristalizavam – o espaço público – ao discutir as atividades femininas não só em um espaço tradicionalmente e reconhecidamente masculinizado, mas em outro espaço desafiador na perspectiva de romper paradigmas que seria o espaço privado. Sob esse viés, Matos (2002) parte da ideia do “cotidiano porta à dentro” a fim de perceber, com maior sensibilidade, as relações no âmbito privado, assim como sua rede de tensões e complexidades. É nesse fio condutor que Matos (2002) constrói uma análise de grande relevância para historiografia brasileira, partindo de pontos fulcrais de análises entrelaçadas de sensibilidades e de experiências femininas no cotidiano dicotômico das cidades. Além de reconstruir com bastante sutileza o universo feminino nos espaços, Matos (2002) evidencia as “estratégias de sobrevivência” e suas conseqüentes resistências frente às adversidades. Na próxima seção observaremos como o espaço privativo avançou progressivamente sobre o público, e a parte “particularizada” da *Urbe*; o bairro tornou-se um objeto de pesquisa histórica proeminente.

O bairro como objeto de estudo na pesquisa histórica

Na obra *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*, Pierre Mayol articula as nuances da vida cotidiana e suas convivências no “bairro”. Segundo Mayol (2013) “o bairro pode ser considerado como uma privatização progressiva do espaço público”. (MAYOL, 2013, p. 4). A prática do bairro conduz a uma perspectiva de familiaridade do espaço tradicionalmente considerado como público, seria o local onde as “práticas cotidianas” se entrelaçam nas redes de sociabilidades, permitindo apro-

priações dos lugares públicos como mecanismo de efemeridade e transitoriedade das relações dos seus usuários.

O bairro é constituído gradativamente como lugar de consumo pelos seus usuários, sendo, por isso, nesse espaço que se condensa não só a ideia de conhecimento, como também de “lugar de um reconhecimento” no espaço urbano. É nesse aspecto que emergem as “condições para favorecer esse exercício; conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política) relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia)”. (MAYOL, 2013, p. 43).

As relações de domínios dos espaços privado-públicos resultam de configurações sociais que há muito tempo têm sido cristalizadas de forma inequívoca como se as cidades fossem literalmente lugares do anônimo, o espaço público seria deliberadamente parte do mirante das cidades, sem as caracterizações singulares de seus usuários nas apropriações desses espaços. O conjunto de cidade reverbera um simulacro de signos e códigos que o seu usuário não domina, mas é assimilado por ele como próprio da dinâmica das apropriações desses espaços. Nesse sentido, o bairro surge como domínio em que a relação espaço/tempo é mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa.

Por conseguinte, é o pedaço da cidade atravessado por um limite, distinguindo o espaço privado do espaço público, “é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência” (MAYOL, 2013, p. 39). Os espaços privados e públicos não podem ser dessa forma, compreendidos de forma dissociada, embora estes não possuam fronteiras regidas e separações sociais que os distinguem como elementos exógenos, é necessário notar que eles coexistem na inter-relação dialética das suas funcionalidades. O espaço de “dentro” (residência) se articula intimamente a dialética do espaço de “fora” (cidade), e é nessa relação que se permite uma gradativa ampliação das apropriações dos espaços privados sobre os públicos, sendo o bairro senão “o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública (MAYOL, 2013, p. 42). Ao tentarmos entender as práticas que norteiam o bairro, verificamos a necessidade dos usuários utilizarem aquilo que Certeau (2008) denominava como “táticas” perante o “lugar do outro” que são forjadas nas relações de forças dicotômicas da sociedade e na necessidade dos usuários se utilizarem das “maneiras de fazer” na procura por uma inserção social.

Segundo Mayol (2013) “a prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através dos códigos de linguagem e do comportamento” (MAYOL, 2013, p. 45). As redes de relações humanas se substan-

ciam na “coletividade” do bairro, é nesse aspecto que se evidenciam os círculos de amizades, laços familiares, vínculos de atividade entre os vizinhos, onde o cotidiano externaliza a vivacidade das relações pessoais dos seus usuários mediante o ato de “conviver” no coletivo público e contribui para a perspectiva do equilíbrio da “configuração pública dos lugares” e da sua vida privada. Portanto, o usuário do bairro, ao sair do seu espaço de moradia (privado), adentra outro espaço (o público), e neste aparece outro elemento de convenção para a cidade, a rua. Nela o usuário é conhecido e reconhecido pelas suas marcas de convívio social naquele espaço (a rua). Para Pesavento (1996) “a rua não é mais um elemento de separação entre casas, a sua se define agora como espaço público” (PESAVENTO, 1996, p. 9). É nesse elemento da cidade onde ocorrem ligações e articulações entre as redes de comunicações que as cidades produzem, não obstante as ruas podem ser compreendidas como “microcosmos da vida, elas fazem parte da própria memória do mundo, abrigando tanto os grandes acontecimentos como os pequenos incidentes do cotidiano” (PESAVENTO, 1996, p. 8). Nesse sentido torna-se pertinente compreender essa temática a partir de outras áreas das ciências sociais, como meios de aglutinarmos percepções mais amplas sobre a temática.

Gilberto Velho foi professor titular e decano do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ. Em sua obra *A utopia urbana* realiza um estudo de antropologia social do bairro de Copacabana no Rio de Janeiro. No primeiro capítulo, “O Bairro”, Gilberto Velho faz um debate sobre as várias percepções e reflexões sobre as formações urbanísticas do bairro Copacabana. Velho (2002) realiza uma descrição física e geográfica da área onde fica localizado o bairro Copacabana, reverberando as contradições do cotidiano nas ruas, nos bares, restaurantes, sublinhado pela vida noturna e “agitada” da noite no bairro. Ao debater a formação do bairro, o autor destaca que a história de ocupação é bastante recente, todavia sua ocupação ocorreu sistematicamente no final do século XIX, mantendo uma rápida ligação com o que ele chama de “marco da época”, a inauguração do túnel velho ligando o bairro de Botafogo a Copacabana (VELHO, 2002). A partir do século XX a cidade do Rio de Janeiro ganha um crescimento vertiginoso, que é apontado por Gilberto dentre vários fatores fundamentais para expansão urbana e o “inchamento” da cidade e dos problemas de moradias, inclusive o surgimento de favelas no Rio.

Gilberto Velho destaca que, ao compreender o processo de urbanização brasileiro, ele é inserido em um tipo de “desenvolvimento capitalista de nossa sociedade” apresentando desequilíbrios regionais considerados por ele como uma urbanização de “caráter sociopático”, resultante das “inadequações dos meios fornecidos pelo Estado e dos sistemas de produção de bens e serviços à afirmação pelos agentes de

trabalhos de um maior valor de sua força de trabalho” (VELHO, 2002, p. 20).

Na concepção de Velho (2002), a intensa aceleração da urbanização concatenava com as derrubadas das casas residenciais para construções de prédios para as atividades comerciais. Muitas dessas casas residenciais, com terrenos espaçosos em outras décadas passaram, a partir da década de 1950, por uma transformação abrupta, quando as companhias usavam do “marketing imobiliário” para vender seus projetos residenciais e comerciais, propagandas como “Paraíso a beira-mar”, “seja feliz em Copacabana” “Não negue a sua família o direito de morar em Copacabana” (VELHO, 2002, p. 24. Apontando as diferenças internas em Copacabana, Gilberto Velho exemplifica as subáreas como ocupações mais antigas do bairro que sofreram também com o intenso comércio e a especulação imobiliária e com o crescimento do bairro, esta parte passou a ser o centro da vida noturna da zona Sul, nessa área era comum uma relação dicotômica dos prédios com algumas áreas comerciais chamadas de “recaída” repletas de “inferninhos”, considerada “pesadas”, com presença de “maus elementos” (prostitutas, puxadores de maconha etc.) O fato é que não era possível isolarmos no bairro trechos significativos habitados por classes abastadas tidas como “ricas” dos subúrbios, vendo no nível do morador do bairro “como ele se orienta” a partir de “territorialidades”.

Velho (2002) discute, de forma pertinente, a transformação do bairro Copacabana “de pacato bairro à beira-mar”, atravessado por um longo processo de urbanização conjugado com o crescimento demográfico exorbitante e as consequentes mudanças nos espaços urbanos, com as derrubadas de casas e as construções sofisticadas de prédios de luxos com a participação de uma especulação imobiliária e a busca pelos lucros na disputa ferrenha por espaços altamente vendáveis. Essas configurações urbanas discutidas pelo autor transformaram o bairro Copacabana, ao longo dos anos, em uma “floresta de cimento armado”, para onde as pessoas vão não somente para visitar ou morar, mas para fazer compras e “divertir-se” e, cada vez mais para trabalhar.

A cidade sob os “olhares” da historiografia piauiense

O livro *“A Cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)”*⁶ de Francisco Alcides do Nascimento, professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, apresenta uma proposta de entender a cidade de Teresina dos anos de 1940 a partir da política modernizadora da cidade na época do Estado Novo (período Vargas) entrelaçado com os incêndios ocorridos na cidade que destruíam predominantemente, as casas de palhas dos mais

⁶ Trabalho resultado de uma tese de Doutorado apresentado à Universidade Federal Do Pernambuco

pobres e desprovidos de atenção do poder público. O autor procura relacionar o processo de modernização autoritária de Teresina aos “misteriosos” incêndios ocorridos nessa época, assim como o discurso de modernização que vinha sendo incorporado e reproduzido nesse período estudado. Segundo Nascimento (2015)

Têm-se a convicção de que os incêndios tiveram papel relevante no processo de limpeza das áreas mais próximas do centro, pois obrigaram os proprietários de casas de palha, e que não podiam cobri-las de telhas, a se afastarem daquela área ou então ir embora da cidade. Atitudes como essas terminaram auxiliando os poderes públicos com a ideia de ‘embelezamento urbano. (NASCIMENTO, 2015, p. 331).

Em seu livro Francisco Alcides (2015) apresenta uma narrativa histórica bastante recorrente, caracterizado por um caráter de ineditismo para a historiografia piauiense na época de sua apresentação, vista como um emblemático referencial para estudo das cidades no Piauí. Sob um viés teórico-metodológico desafiador, e articulado à metodologia da História Oral como ângulo norteador da pesquisa, procura relacionar a perspectiva da história urbana no leque de possibilidades de leituras aglutinadas às imbricações da história social conduzida prudentemente pelo fio condutor de análise das camadas populares excluídas, que poderiam ser consideradas “vítimas” de um processo de modernização promovido de forma “autoritária” e indiferente às populações mais pobres e excludentes.

Outra tese que atravessa a cidade de Teresina é da professora da UFPI, Teresinha Queiroz, *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*, uma das obras mais profícuas da historiografia piauiense, se tornando um baluarte de referências nas produções de trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) que tem articulado a História e a Literatura (crônicas e cartas) para produção histórica. Queiroz (2015) lembra que:

Em 1880, Teresina é quase um arraial, cujo a vida urbana e social começa a se tornar mais complexa, seguindo lentamente os ditames da evolução mundial. Durante os anos 80 até meados dos anos 90 do século XIX, as novidades do mundo moderno são meras notícias; notícias trazidas pelas levas de doutores que começam a afluir - bacharéis em Direito, médicos, farmacêuticos, uns poucos engenheiros - e pela imprensa periódica alienígena. O progresso é ainda mero relato. A cidade pouco se diferencia em sua forma de viver, apesar da diferenciação interna do espaço urbano. O centro da cidade convive com os animais, a poeira, a lama os riachos, casas de palha. Focos de incêndios. Festas religiosas são divertimento popular. Os intelectuais sonham com salões, com boa música, com o viver das grandes capitais do Império/República. (QUEIROZ, 2015, p. 17).

A cidade de Teresina que aparece no livro *História, Literatura, Sociabilidades*,

de Teresinha Queiroz, é uma cidade dos finais dos anos do século XIX e início do século XX que vinha gradativamente assimilando as ideias modernizadoras advindas das influências da *belle époque*. Outro trabalho que desponta com enorme prestígio na historiografia piauiense é o livro *O Recanto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na História do Piauí*⁷, da professora Claudia Cristina da Silva, que tem como referência na sua narrativa histórica a cidade de Teresina. Na parte II intitulada “O Fascínio e as provocações do moderno: Teresina e sua relação com flecha do Tempo”; assume como discussão central a cidade de Teresina como palco de disputas em torno de promessas modernizadoras que envolveram as administrações de Alberto Silva. Logo no terceiro capítulo intitulado “o jorro efetivo da novidade e os desafios da modernidade”, a cidade de Teresina torna-se palco privilegiado dos sonhos e desejos, sob as ideias de “modernização” acompanhada pela “locomotiva do progresso” que o Piauí não poderia deixar de “pegar” o “trem” do desenvolvimento. A necessidade do “novo”, ou seja, “esquecer” o passado, e reinventar esse ‘moderno’ lembra a ideia de Le Goff quando diz que “o moderno tende, acima de tudo, a se negar e destruir” (FONTINELES, 2015, p. 211). Tudo é transitório e efêmero para dar lugar ao que está por vir, ou, como Marshall Berman parafraseando Marx afirmaria, “tudo é feito para ser substituído trazendo consigo o germe da obsolência e de substituição” (FONTINELES, 2015, p. 207).

As ações do governo de Alberto Silva pretendiam remover o passado de administrações anteriores e submeter a cidade as inovações urbanísticas e intervenções de obras impactantes em Teresina, como era o caso do projeto de implantação do metrô, que geraria diversos embates e polêmicas na efetivação dessa obra. No capítulo quarto “Teresina Vitrine de Desejos e de disputas”, autora estabelece análises sobre as disputas políticas no sentido de “reconhecimento” de suas ações durante os governos de Alberto Silva em relação à Teresina que atraíam os olhares da imprensa e da população devido ao grande volume de obras públicas em andamento na década de 1970. As disputas tornavam-se cada vez mais constantes sobre quem era o verdadeiro “inventário de marcas sensíveis” que consubstanciavam as disputas em torno de um ideário de homem público, “tocador” de obras, “empreendedor” que mais realizasse obras na capital Teresina e conseqüentemente pudesse deixar a sua marca na memória dos piauienses.

Para além da Academia emergem várias produções quando assunto é a capital do Piauí. Nesse sentido a produção historiográfica piauiense nos finais dos anos de 1980 consegue um espaço relevante na divulgação de textos, artigos, produções literárias e outros. A Revista *Cadernos de Teresina*, que circulou em dezembro de

⁷ Este Trabalho foi resultado da tese de Doutorado em História Social pela Universidade Federal de Pernambuco, orientado por Antônio Paulo Rezende..

1988, trouxe ao público “estudos dos historiadores Francisco Alcides do Nascimento sobre o movimento da Aliança Nacional Libertadora no Piauí e de Miridan Brito Britto Knox, enfocando suas lembranças pessoais e sentimentais em torno da cidade de Teresina” (MOURA, 2015, p. 275). A Revista *Cadernos de Teresina* se tornou referência na difusão de ideias a partir de textos, artigos e produções literárias sobre várias temáticas até os dias atuais. Na próxima seção discute-se trabalhos sobre a “história dos bairros” de Teresina, contando com uma produção promissora do programa de pós-graduação da UFPI.

Produções historiográficas piauienses sobre a “História dos bairros”

Podemos destacar alguns trabalhos de dissertações do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Piauí, nos quais tiveram como objeto de estudo “os bairros”. Apresentado em 2006, intitulado “*Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990*” de Francisca Lidiane de Sousa Lima, procura compreender as permanência e rupturas a partir da vida cotidiana no Bairro Mafuá nos anos 70 e 80, assim como percorre através da análise da autora os espaços de sociabilidade e de consumo, como mercados e feiras livres. Segundo Lima (2006) na “tentativa de construir a história de um bairro tão antigo quanto a própria cidade de Teresina (...) revelam um Mafuá que, por mais simples que seja em seu cotidiano passa a ter uma história marcada por rupturas, permanências, identidades, vivências, culturas e lazer” (LIMA, 2006, p. 21).

Outra dissertação do referido programa, apresentada em 2009, é o trabalho da Cristina Cunha de Araújo intitulado *Trilhas e Estradas: Formação dos Bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)*, que procura compreender a formação dos bairros de Fátima e Jockey Clube a partir de vários elementos, como obras públicas estruturais, intervenções públicas, construções de espaços de sociabilidade, edificação de um campus da Universidade Federal do Piauí-UFPI, e a gradativa penetração de novos moradores ligados à elite local, como consequência dessa expansão é apontado o aumento dos investimentos nos tais bairros, provocando uma valorização das terras pela desenfreada especulação imobiliária. Segundo Araújo (2009):

As modificações implementadas no bairro de Fátima, desde os primórdios de seu povoamento provocaram uma completa descaracterização do antigo aglomerado de pequenas casas cobertas de palhas. Tais modificações são fruto do processo urbano que teve nas décadas de 1950 e 1960 seu processo acelerado por conta das constantes migrações que ocorriam naquela época. Esse processo de mudanças de vida das pessoas provocou novos modos de sociabilidade que eram encontrados preferencialmente nas cidades, e Teresina como não poderia ficar à margem desses

eventos, procurou redesenhar seu espaço urbano, que tinha como limites os rios Parnaíba e Poti. (ARAÚJO, 2009, p. 83-84).

A pesquisa histórica que tem como objeto de estudo “os bairros” vem ganhando espaço na historiografia piauiense. Nessa perspectiva os trabalhos supracitados demonstram a relevância da abordagem histórica dos bairros para compreendermos as constantes transformações que a cidade vem sofrendo, desde os projetos urbanísticos a obras de intervenções urbanas que, por consequência, têm afetado a população de baixa renda, desprovida de políticas públicas do Estado. É oportuno citar outros trabalhos do PPHGB-UFPI sobre a mesma temática, como a de Benilton Torres de Lacerda⁸ e Thiago Coelho Silveira⁹. Nesse sentido, podemos perceber a cidade como um “campo privilegiado de lutas de classes e movimentos sociais de toda espécie, que questionam a normatização da cidade e da vida urbana” (CARLOS, 2003, p. 26).

O livro “*Nasce Um Bairro, Renasce a Esperança: História e Memória de Moradores do Conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde*” dos autores Cláudia Cristina da Silva Fontineles e Marcelo de Sousa Neto apresenta um dos trabalhos mais profícuos sobre a temática, condensado com um rigor teórico-metodológico visceral e uma escrita exímia e tenaz, percorrendo sua narrativa a sensibilidade e o rigor acadêmico de suas análises, apontando para a obra singular no aspecto de estudo sistemático e multifacetado da história de “bairros” corroborando na abertura de um leque de possibilidades nas pesquisas históricas dos Bairros, ainda com poucos trabalhos na historiografia piauiense. “Os autores aplicam as escalas do recorde espacial como estratégia para não se limitar ao olhar sobre fatos isoladamente, visto que pretenderam apresentar as interconexões entre os acontecimentos em esfera teresinense, piauiense e nacional” (FONTINELES FILHO, 2017, p. 13). Reconhecemos que as pesquisas sobre os bairros contribuem impreterivelmente para compreender as transformações que as cidades reproduzem nos seus espaços, pois é nos bairros que ocorrem as tensões sociais, as insatisfações sociais, os quais irão refletir na problemática da cidade e nas convulsões sociais. O bairro, dessa forma, pode ser compreendido, grosso modo, como o lugar mais privativo da cidade, pois nele ocorre “a articulação

8 O autor teve como objeto de pesquisa o bairro Parque Piauí. Ver: LACERDA, Benilton Torres de. *O altar politizado: o bairro Parque Piauí (Teresina - PI) e a ação da Igreja Católica na organização dos movimentos populares (1968 - 1985)*. 165f. 2013. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí Teresina. 2013.

9 O autor teve como objeto de pesquisa o processo de rurbanização em torno da antiga Usina Santana, que conseqüentemente formaria um bairro de Teresina. Ver: SILVEIRA, Thiago Coelho. *Desvelando os caminhos do Santana: história e memória de um processo de rurbanização em Teresina*. 158f. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2013.

entre o morador e o mundo citadino, com ele coexistindo, reconhecendo-se em suas semelhanças e diferenças”. (FONTINELES; SOUSA NETO, 2017, p. 18.)

É no bairro que o sujeito, “demarca” sua convivência e sua ligação pessoal com o espaço por ele ocupado, estabelecendo laços de familiaridade, de apego e de sentimento de pertencimento àquele determinado espaço. É nesse espaço fragmentado da cidade que ele adquire consciência social pertencente não só à cidade, mas também à coletividade que ela representa. Fontineles e Sousa Neto (2017), ao percorrer suas análises sobre a história e memória de moradores do “Itararé” ou “região do Arcoverde”, ponderam a relevância do estudo para compreendermos as transformações ocorridas nas cidades, portanto “essas transformações evidenciam a própria formação urbana em Teresina – convivem com muitas continuidades. Essas ambiguidades são a marca da vitalidade e da fertilidade do campo histórico, que continua a nos fascinar com suas possibilidades de construir enredos” (FONTINELES; SOUSA NETO, 2017, p. 253).

Dessa maneira, os bairros evidentemente tornaram-se lugares de transformações urbanas e sociais da cidade, não só por representarem um lugar social, mas por aglutinarem múltiplas práticas de consumo dos espaços. Sendo um lugar de sociabilidade, não deixa de ser um espaço de tensões sociais, de resistências aos mecanismos de controle, de sensibilidades, onde o subjetivo se articula a objetividade do coletivo e a vida urbana torna-se uma escrita indelével do sujeito nesse lugar denominado bairro.

Esta parte da cidade que “particulariza” o espaço privilegiado de convivências, rupturas, tramas urbanas que contribuem sensivelmente para recomposição do imaginário da cidade.

O bairro é, quase por definição,

Um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se ensina pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. (MAYOL, 1996, p. 40).

Ao atentarmos para as transformações nos bairros, conseqüentemente, perceberemos a própria relação tácita do bairro com a cidade, doravante o bairro não existe em si, mas sua existência está condicionada a própria cidade. É nesse espaço “particularizado” onde o privativo sobrepõe sobre o espaço público, este que é expresso pelo o anônimo (campo dinâmico do desconhecido). Os moradores do bairro conversavam entre si, dialogam, nas ruas, nas esquinas, nos supermercados, nas

portas de suas casas, compartilham experiências bem-sucedidas e também outras malsucedidas, agregando enlaces subjetivos que corroboram por demarcar estes espaços.

Os espaços públicos são reconhecidos por serem anônimos, enquanto os espaços privados são percebidos como domínio particular do sujeito que vive entrelaçado nessa teia de relações que os grupos mantêm entre si e aos lugares por eles ocupados. Todavia, é nesses encontros e desencontros da vida cotidiana que o bairro torna-se um lugar de conhecimento e reconhecimento, gerando nos indivíduos um sentido de pertencimento como, por exemplo, o nome como a pessoa é conhecido na rua, o comerciante da esquina, apelidos usados para identificar alguém e até frases que os identificam o seu trabalho o “João da barbearia” o “vendedor de verduras”, a “dona Maria do bolo”, o “chico do frango” e outros. O bairro, assim como a cidade, é um lugar emblemático de vivências, experiências compartilhadas, onde “o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo” (RONILK, 1995, p. 17). As convivências e experiências humanas, que se articulam ao bairro, permitem o afloramento de laços de afetividade entre os seus moradores, as casas, as ruas e as praças passam a conter leituras e imagens de seus habitantes em sua época. Ao caminharmos pelas ruas de um bairro, temos a sensação hipotética que vamos encontrar o “lugar do outro”, de repente deparamos com os grupos sociais que são definidos ou identificados pelo olhar exterior. O bairro, sendo constituído de uma materialidade externa (ruas, praças, casas, prédios, áreas de lazer), estes espaços ressoam através dos espectros das singularidades de seus moradores, que estão impregnadas em tais espaços, provocando uma dialética de ressignificações.

Considerações finais

Diante das produções analisadas dentro da historiografia das cidades e mais recentemente dos bairros, esses percursos trilhados apresentam-se como um manancial inesgotável de possibilidades no campo da pesquisa histórica. Desse modo essas produções, desde a excepcional obra *A Cidade antiga de Fustel de Coulanges*, até as mais recentes, denotam o fascínio e glamour que a cidade sempre exerceu sobre os seus moradores. Indubitavelmente as sociedades passaram por múltiplas transformações, convulsões sociais nos finais do século XIX e início do século XX, e foram envolvidas pelas dicotomias de seu tempo e por tensões sociais que fervilharam os seus espaços urbanos. É benévolo dizer que a cidade deixou de ser vista somente como “palco” dos eventos históricos e passou a ser problematizada, advinda das tensões sociais e das preocupações inquietantes das instituições públicas,

dos poderes constituídos, chefes políticos, gestores, urbanistas, médico-sanitaristas, profissionais da saúde, arquitetos e intelectuais frente a complexidade dos problemas urbanos. A cidade ganhou protagonismo e passou a ser objeto de estudo, não só da história, mas de outras áreas do conhecimento. A História se articulou com a Geografia que também se conectou a Literatura no propósito de unir concepções sobre as vicissitudes dos espaços e sua relação com o cidadão.

A historiografia das *Urbes* não se negou a caminhar nos descompassos da própria pesquisa histórica sem deixar de ser conduzida por um fio condutor que permeiam os vários aspectos da vida social. A “higienização” dos espaços urbanos advinda de iniciativas das autoridades públicas era concatenada com a modernização das cidades que provocava de forma deliberada a difusão de discursos médico-sanitaristas, nos quais procuravam justificar a ‘eugenia’ desses espaços. As transformações urbanas evidenciaram não só os problemas que estavam imersos, mas dilaceraram as “cortinas”, que camuflavam as disparidades sociais no tecido social, nesse ponto o pobre, o imigrante, a prostituta, o indolente, o negro, ex-escravos e diversas pessoas que compunham a camada mais pobre da sociedade foram profundamente afetados e deslocados de lugares de moradia para se adequar à novas remodelações dos espaços por eles ocupados. Nesse sentido os estudos avançaram na direção da multiplicidade interpretativa das *Urbes* que passaram a ser vistas a partir de visões polissêmicas; vistas como a cidade “visível”, “invisível”, “imaginária”, a “cidade-documento”, a “cidade- memória” e os milhares de cidades (res) significadas por seus moradores que mantêm constantemente uma relação subjetiva com ela.

Na Historiografia, o estudo das cidades alcançou voos cada vez mais desafiadores nos desígnios da pesquisa histórica. Mais recentemente, surgem trabalhos sobre os bairros, não só no campo restrito da História, mas em outras áreas das Ciências sociais como na Antropologia social, Sociologia, Geografia, dentre outras. Além de diversos textos, artigos, produções acadêmicas (Dissertações e Teses) em relação a este espaço mais particularizado da cidade que tem permitido um leque de possibilidades na pesquisa histórica.

Referências

ARAÚJO, Cristina Cunha de. *Trilhas e estradas: a formação dos bairros Fátima e Jockey..* 2009. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) -Programa de Pós-Graduação em História do Brasil-PPGHB- Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2009.

BRESCIANNI, Maria Stella M. Historia e Historiografia das cidades, um percurso, In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira ou perspectiva* (org.) 7º Ed. 1º

reimpressão- São Paulo: Contexto, 2000.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX*: O espetáculo da Pobreza. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 126p.

COULANGES, Fustel de. *A cidade Antiga*: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2009.

CHALHOUB, Sidney. *Cidades febris*: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo. Companhia das letras 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados*: escritos de história e política. Belo Horizonte; ed:UFMG.1998.

CERTEAU, Michael de. *A Escrita da História*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____, Michael de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Prefácio. In: SEVCENKO, Nicolau, *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica*: Maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2015.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio, Prefácio. In: FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva, SOUSA NETO, Marcelo de. *Nasce um bairro, renasce a esperança*: história e memória de moradores do conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde. Teresina: EDUFPI, 2017.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva, SOUSA NETO, Marcelo de. *Nasce um bairro, renasce a esperança*: história e memória de moradores do conjunto Habitacional Dirceu Arcoverde. Teresina: EDUFPI, 2017.

GIARD, Luce. Prefácio. In: CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

HARTOG, François. *O século XIX e a história*: O caso Fustel de Coulanges. Tradução de Roberto Cortês de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRG, 2003.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. *Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro mafuá de 1970 a 1990*. 2006. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil-PPGHB- Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2006.

MOURA, Iara Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2015.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano :2 morar, cozinhar*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano :2 morar, cozinhar*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MALERBA, Jurandi, Teoria e história da historiografia. In: (org.). MALERBA, Jurandi, *A história escrita: teoria e história da historiografia*. 1ª ed., 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. 2 ed.- Teresina: EDUFPI, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O espetáculo da rua*. 7ª ed. Porto Alegre: ed. Universidade / UFRES, 1996.

_____, Sandra Jathay. *Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880 – 1920 – Porto Alegre*: Editora da Universidade / UFRGS, 1994.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. 304. p.

_____, Teresinha J.M. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina, EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2015. 234p.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. (org.) *Domínios da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RESENDE, (Des) *encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

RONILK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 4ª ed. 1995.

_____, Nicolau, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002..